

Darlene J. Sadlier

*A Diáspora  
em Língua Portuguesa  
Sete Séculos de Literatura e Arte*

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

Darlene J. Sadlier

*A Diáspora  
em Língua Portuguesa  
Sete Séculos de Literatura e Arte*

*Olhares*

Tradução: Frederico Pedreira

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.  
Imprensa Nacional é a marca editorial da **INCM**  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa  
www.incm.pt  
www.facebook.com/INCM.Livros  
prelo.incm.pt  
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Darlene J. Sadlier, Frederico Pedreira  
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO

*A Diápora em Língua Portuguesa — Sete Séculos de Literatura e Arte*

AUTOR

Darlene Sadlier

TÍTULO ORIGINAL

The Portuguese-Speaking Diaspora: Seven Centuries of Literature and the Arts

© University of Texas Press 2016

TRADUÇÃO

Frederico Pedreira

DESIGN

www.whitestudio.pt

REVISÃO E PAGINAÇÃO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Composto em Jannon 10 Pro

Impresso em Ensocoat 1 face 275 g (capa)

e Coral Book Ivory 90 g (miolo)

1.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Dezembro de 2018

ISBN 978-972-27-2597-2

DEPÓSITO LEGAL N.º 431424/17

EDIÇÃO N.º 1022033

## ÍNDICE GERAL

PÁG. 9

Agradecimentos

PÁG. 15

Introdução

PÁG. 29

1. A Diáspora Imperial

PÁG. 111

2. A Diáspora Luso-Africana

PÁG. 177

3. Fantasias Orientais e a Viagem  
no Despontar do Século XX

PÁG. 235

4. Rumo ao Inóspito: A Corrida  
para África e a Promessa do Brasil

PÁG. 283

5. A Casa dos Estudantes  
do Império e *Mensagem*

✓

**PÁG. 333**

6. Um Turista Lusotropicalista, Soldados,  
Indianos do Oriente e Cabo-Verdianos em Viagem

✓

**PÁG. 385**

7. A Guerra em África  
e a Economia Global: A Partida e o Regresso à Pátria

✓

**PÁG. 445**

Epílogo. A Diáspora em Língua  
Portuguesa e a «Lusofonia»

**PÁG. 459**

Bibliografia

**PÁG. 485**

Índice Remissivo

## INTRODUÇÃO

Este é um livro sobre viagens a cantos remotos do mundo, em que os viajantes descobrem novos povos e paisagens, experienciam mudanças de identidade e contudo não deixam de ansiar pelos lugares que deixaram para trás. Consiste na descrição de uma tentativa de conquistar o mundo, mas também nas dificuldades, crueldades e migrações forçadas que resultaram dessa mesma tentativa. Em concreto, são tratadas representações literárias e artísticas decorrentes de uma longa história de partidas, de abandonos do país de origem ou de regressos a um país que deixou de ser o mesmo.

Muito antes da atual economia da globalização, os portugueses criaram um vasto império que abrangia o Brasil e territórios do Médio Atlântico, bem como partes de África, da Índia, da China, do Sudeste Asiático e do Japão. Principiando com o cerco de Ceuta, no Norte de África, em 1415, começou a ganhar forma uma diáspora ainda incipiente, à medida que marinheiros, comerciantes e aventureiros, bem como criminosos e outros «indesejados» começaram a sair de Portugal, na sua maioria movidos pela esperança de

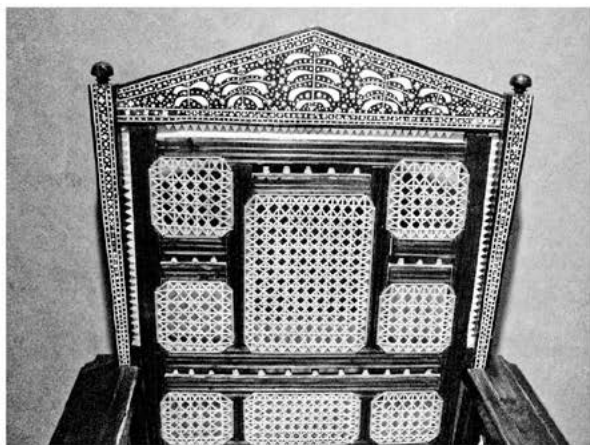
*Foi-s'ò meu amigo d'aqui  
na hoste, por el-rei servir,  
e nunca eu depois dormir  
pudi, mais ben tenh'eu assim  
que, pois m'el tarda e non ven,  
el-rei o faz que mi-o deten.*

Pero da Ponte,  
meados do século XIII

Os primeiros poemas surgidos em Portugal eram cantigas, canções escritas em galego-português, sendo que uma das suas categorias, as cantigas de amigo, eram muitas vezes escritas num tom lamentoso, a que uma jovem senhora dava voz na ausência do seu amado. No poema citado acima, a mulher refere-se ao regresso adiado do seu amante, atraso esse resultante do foadado, isto é, do serviço militar obrigatório prestado ao rei que muitas vezes envolvia grandes batalhas e pilhagens em territórios inimigos.

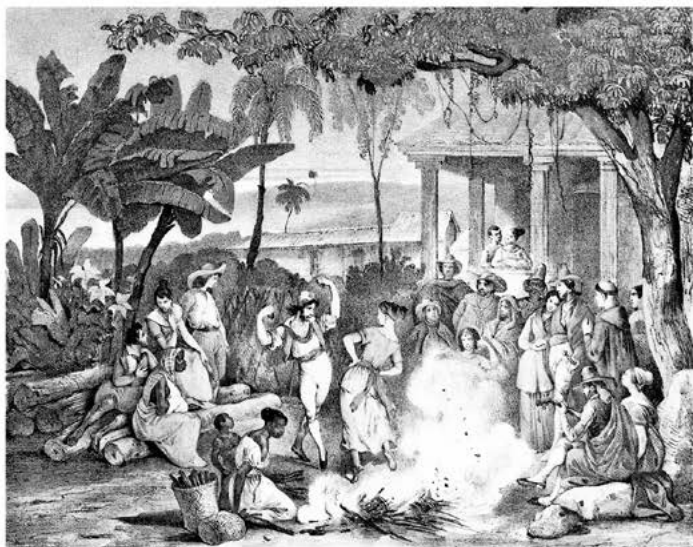


Virgem Maria da Dinastia Ming  
chinesa (século XVI)



Cadeira afro-indo-portuguesa (século XVI)





*Lundu* (1835), por Johann Moritz Rugendas



*Desembarque em Valongo* (1835), por Johann Moritz Rugendas



Gravura 4: Salieiro do Benim com figuras portuguesas (século xv-xvi)  
Gravura 5: *Frontispício*, coleção *Leitura nova*, *Livro 2 de Reis* (século xvi)



Gravura 6: Mulher portuguesa numa liteira em Goa (meados do século xvi)

É evidente que o governo procurou promover um centro social e cultural que, sob o seu patrocínio, se revelasse importante para uma contínua adaptação dos estudantes, e ao mesmo tempo se provasse fulcral no intento de prepará-los à imagem de futuros líderes das respetivas colónias. O que a administração não conseguiu prever em absoluto foi que semelhante assembleia pudesse também ser um veículo de discussão e de disseminação de ideias que não coincidissem com a propaganda lusotropicalista «una e indivisa» do governo.<sup>163</sup> Carlos Ervedosa, presidente da Assembleia Geral da CEI na década de 1950, escreve o seguinte no livro de memórias, *Era no tempo das acácias floridas* (1990): «A CEI era uma associação politicamente neutra por força estatutária, mas de esquerda por força da ação política dos seus dirigentes. Multirracial na sua composição étnica e nos ideais de sociedade» (*in* Faria, *A Casa dos Estudantes*, 51). Desde os seus começos, a estrutura administrativa da CEI fora constituída por líderes de secção que representavam os seus diferentes círculos eleitorais provenientes de África, da Índia e da Ásia.<sup>164</sup> Por outras palavras, a CEI fez reproduzir no seu

163 Apesar de, numa fase inicial, o regime salazarista não concordar com as ideias estipuladas pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre no seu estudo de suma importância, *Casa-grande e senzala* (1933), no qual Freyre assevera que os portugueses são por natureza propensos à miscigenação, nos anos que se sucederam à Segunda Guerra Mundial o regime adotou a tese lusotropicalista de Freyre para sustentar os seus argumentos contra a descolonização. Para Salazar, o ultramar era parte integrante de Portugal precisamente devido ao longo historial do país no sentido de construir e promover um estado-nação multirracial e pluricontinental, conforme exponho no capítulo 6.

164 A circular de janeiro de 1949 publicada pela casa apresenta uma lista dos nomes que integravam a recém-eleita administração: «Presidente – Telmo Crato Monteiro (Cabo Verde), Vice-Presidente – José A. De S. Carvalho (Moçambique), Tesoureiro – João Soares (Macau), Secretário-Geral – Jorge Pinto Furtado (Angola), Vogal – Rui Nazaré (Índia)» (*Mensagem*, CEI, 17).

Guillén, «Llamada», um apelo poético à união de forças contra um sistema que fomentava tensões raciais e a rutura entre classes. O apelo do próprio Andrade, cuja terceira e derradeira parte deveria ser publicada na edição seguinte de *Mensagem*, foi interrompido devido ao desagrado que o governo então nutria pelo ativismo político da CEI, e que acabaria por resultar numa tomada de posse da administração da casa, que veio a prolongar-se nos cinco anos seguintes. A publicação da circular foi suspensa, e logo o silêncio tomou o lugar das muitas vozes dissidentes que aí se faziam ouvir.<sup>186</sup>

186 Antes da tomada de posse da administração da CEI por parte do governo, Mário Pinto de Andrade organizou uma coleção de ensaios da autoria de estudantes da CEI intitulada «Les étudiants noirs parlent» (Os estudantes negros falam), publicada em 1953 numa edição especial da revista francesa *Présence Africaine*. Apesar de os ensaios não serem assinados, dadas as fortes críticas que destinavam ao colonialismo português, fontes indicam que os autores incluíam Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Francisco José Tenreiro, Alda do Espírito Santo e Mário Pinto de Andrade. Para mais informações acerca desta publicação, consultar a secção de Andrade, «Juventude: Investigação e textos», Fundação Mário Soares, <http://www.fundacao-mario-soares.pt/> Depois de se mudar para Paris, em 1953, Andrade publicou com Tenreiro a antologia *Poesia negra de expressão portuguesa*; esses e outros poemas foram publicados em França, aquando de uma segunda antologia, em 1958.

Editada por Salim Miguel, a *Revista Sul*, de Florianópolis, publicou vários escritores associados com a CEI, incluindo os angolanos António Jacinto e José Graça (Luandino Vieira), bem como o cabo-verdiano Viriato da Cruz. Miguel chegou a enviar muitos livros a jovens escritores angolanos, moçambicanos e são-tomenses que desejavam ardentemente estar em contacto com a literatura brasileira. Em *Cartas d'Africa e alguma poesia* (2005), Miguel publicou alguma da correspondência que manteve com esses autores nas décadas de 1950 e 1960. Há uma carta especialmente interessante de Viriato da Cruz que revela ao leitor informações específicas de como Miguel deveria empacotar as obras brasileiras, incluindo romances de Jorge Amado e de outros escritores do nordeste brasileiro que haviam sido proibidos pela ditadura, de forma a que as mesmas não fossem apreendidas pelos funcionários da alfândega.



### Nacionalismo no pós-Segunda Guerra Mundial e o Estado Novo português

Em 1951, alguns proponentes do Estado Novo português procuraram mitigar as crescentes exigências internacionais para que Portugal abdicasse das suas colónias ao convidar o célebre antropólogo Gilberto Freyre para visitar Portugal e os territórios ultramarinos — isto na crença de que, com base nas suas obras anteriores, Freyre se pronunciasse a favor da continuada presença de Portugal nas colónias.<sup>201</sup> Os argumentos de Freyre avançados em *Casa-grande e senzala* (1933) e *Sobrados e mocambos* (1936) sobre o «excesso» sexual dos portugueses e a importância de uma miscigenação largamente difundida no Brasil colonial não eram apoiados pelos ideólogos do governo salazarista, e a mesma recusa estendia-se ao argumento de Freyre de que a mistura racial no Brasil era o resultado de um relacionamento de séculos entre portugueses e árabes na Península Ibérica, tendo como consequência o que o antropólogo

201 Numa fase inicial do período pós-guerra, promoveram-se alguns debates nas Nações Unidas em redor da necessidade de estipular legislação que resultasse na libertação dos países que permaneciam sob o jugo colonial.

«O passado nunca está morto. Não chega sequer a ser passado.» Do mesmo modo, podemos igualmente acrescentar que a cultura diaspórica nunca tem um fim, sendo que aquilo que a determina persiste no tempo. Trata-se de uma verdade que pode ser aplicada tanto a obras de arte antigas como a obras da contemporaneidade, que, como é o caso do romance de Raquel Ochoa, *A casa-comboio*, das estampas de Goya Lopes ou dos filmes de Pedro Costa, fazem uso do passado de modos diferentes e com intuítos distintos para desencadear novas formas de pensamento. Seja ao descreverem um movimento rumo ao passado ou um modo de viagem no presente, estas obras revelam a continuada dispersão, a assimilação e por vezes o conflito de povos e culturas num mundo de expressão portuguesa de vasto alcance.

Baseado num amplo conjunto de materiais apresentados em suporte escrito e visual, incluindo historiografia, correspondência, teatro, poesia, ficção e cinema, *A Diáspora em Língua Portuguesa* constitui a primeira análise detalhada das diferentes e por vezes incompatíveis produções culturais da diáspora imperial no seu apogeu, oferecendo um contexto importante para a compreensão da complexa cultura de viagens e de deslocação por parte das populações das antigas colónias para as suas atuais “pátrias”. Entre os vários temas do livro, Darlene J. Sadlier analisa os movimentos de exploração e colonização levados a cabo pelos Portugueses nas diferentes partes do império; aprofunda igualmente o comércio de escravos no Atlântico, bem como o regresso das populações a Portugal no rescaldo da independência africana. No seu vasto alcance no que diz respeito ao estudo da arte e da literatura resultantes desta e de outras tendências diaspóricas, este livro representa uma contribuição da maior importância para a área em crescente desenvolvimento dos estudos Lusófonos.

